

Introdução

As transformações sociais e econômicas trazidas pelo fenômeno da globalização tem exigido que muitos filósofos e sociólogos se debrucem sobre estudos acerca do comportamento humano em sociedade.

A partir disso, mostra-se relevante abordar as teorias desenvolvidas por três importantes filósofos da modernidade, Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han e Hartmut Rosa, as quais, além de atuais, trazem uma análise crítica acerca das transformações de uma sociedade pressionada pelo excesso de informações, a escassez de tempo e que tem tido como resultado indivíduos cada vez mais individualistas e obcecados pelo imediatismo do consumo.

Segundo a teoria de Bauman, a sociedade vive tempos líquidos onde a satisfação das necessidades vitais foi relegada a segundo plano, dando lugar a compulsão pelo consumo descartável. Como o próprio autor destaca em sua obra *Vida para o Consumo*, na modernidade líquida o indivíduo não adquire para guardar e sim para substituir e descartar, já não se tem preocupação com bens duráveis como ocorria na modernidade sólida.

Toda essa transformação tem resultado numa reconfiguração do indivíduo, a facilidade e rapidez em consumir deixou as pessoas mais alienadas, transformando-as, segundo Bauman, nas próprias mercadorias, especialmente quando sucumbem às regras ditadas pelas tendências das redes sociais.

A angústia, ansiedade constante e o medo (líquido): temor do desemprego, da violência, do terrorismo, de ficar para trás, de não se encaixar nesse novo mundo, que muda num ritmo extremamente veloz, explicam as teorias da alienação e aceleração social de Hartmut Rosa e da sociedade do cansaço de Byung-Chul Han, que abordam os males que acometem a humanidade em razão de uma sociedade de desempenho, onde a realização pessoal e a busca pelo sucesso é colocada como primeiro objetivo de vida.

O ritmo acelerado da vida cotidiana voltada para o consumo descartável e pelo sempre inatingível sucesso pessoal, tem feito com que as pessoas percam a noção de tempo e vivam cada vez mais distantes da tão almejada vida boa, como destaca Hartmut Rosa.

Os problemas temporais são ressaltados por Rosa como lógica da aceleração social, onde indivíduos estão cada vez mais atrelados por regras e sanções éticas que o tornam prisioneiro do próprio tempo. A vida moderna está atrelada a deveres, horários e normas impostas e a tecnologia, que deveria servir para melhorar a qualidade do tempo, ao contrário, tem nos tirado boa parte dele, tornando os indivíduos alienados socialmente, cada qual envolvido apenas com os seus projetos individuais.

Assim, este artigo tem por objeto analisar a contribuição das obras de Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han e Hartmut Rosa, para os problemas da vida moderna e como objetivo geral trazer uma reflexão sobre as transformações da sociedade a partir das teorias da modernidade líquida apontada por Bauman, da sociedade do cansaço de Han e por último da teoria da alienação e aceleração social de Rosa.

Quanto à Metodologia, o relato dos resultados será composto na base lógica Indutiva¹. Nas diversas fases da Pesquisa, serão utilizadas as Técnicas do Referente², da Categorias³, do Conceito Operacional⁴ e da Pesquisa Bibliográfica⁵.

1 A filosofia de Zygmunt Bauman: o pensador da modernidade líquida

A sociedade em que hoje se vive apresenta um ritmo incessante de transformações, o que acaba gerando angústias e incertezas e dando lugar a uma nova lógica, marcada pelo individualismo e pelo consumo, caracterizando assim a modernidade líquida, teoria do ilustre pensador e sociólogo Zygmunt Bauman.

Bauman traz o conceito de “modernidade líquida”, que seria o momento em que

¹ “[...] pesquisar e identificar as partes de um fenômeno e colecioná-las de modo a ter uma percepção ou conclusão geral [...]”. PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: Teoria e prática. 11 ed. Florianópolis: Conceito editorial/Millennium, 2008. p. 86.

² “[...] explicitação prévia do(s) motivo(s), do(s) objetivo(s) e do produto desejado, delimitando o alcance temático e de abordagem para a atividade intelectual, especialmente para uma pesquisa.” PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: Teoria e prática. p. 53.

³ “[...] palavra ou expressão estratégica à elaboração e/ou à expressão de uma idéia.” PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: Teoria e prática. p. 25.

⁴ “[...] uma definição para uma palavra ou expressão, com o desejo de que tal definição seja aceita para os efeitos das idéias que expomos [...]”. PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: Teoria e prática. p. 37.

⁵ “Técnica de investigação em livros, repertórios jurisprudenciais e coletâneas legais. PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: Teoria e prática. p. 209.

se vive hoje, onde as ideias e as relações estabelecidas entre as pessoas se transformam de maneira muito rápida e imprevisível.

No prefácio de uma de suas principais obras, “Modernidade líquida”, Bauman (2001, p. 7-9) explica a metáfora por ele utilizada:

“Fluidez” é a qualidade de líquidos e gases. [...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. [...] Os fluidos se movem facilmente. [...] Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam” [...] Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase [...] na história da modernidade.

Assim, segundo ele, tudo passa a ser temporário, já que a modernidade – tal como os líquidos – caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma.

A partir disso, por meio de uma linguagem simples e acessível, Bauman lança um olhar crítico para as transformações sociais e econômicas trazidas pelo fenômeno da globalização.

Donskis (BAUMAN, DONSKIS, 2008, p. 5), em obra publicada em conjunto com Bauman, intitulada “Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida”, assim o apresenta:

Zygmunt Bauman não é um sociólogo típico. É um filósofo do cotidiano. O tecido de seu pensamento e de sua linguagem é composto de uma diversidade de fios: uma teoria superior; sonhos e visões políticas; as ansiedades e os tormentos dessa unidade estatística da humanidade, o homem ou a mulher em sua pequenez; a crítica astuta – afiada como uma lâmina e, além disso, implacável – aos poderes do mundo; e uma análise sociológica das ideias tediosas, da vaidade, da busca incansável de atenção e popularidade, e também da insensibilidade e autoilusão dos seres humanos.

Duas das características da teoria da modernidade líquida são a substituição da ideia de coletividade e de solidariedade pelo individualismo, e a transformação do cidadão em consumidor. Tais características ficam evidentes em todas as obras de Bauman.

No tocante à transformação do cidadão em consumidor, na obra “Vida para consumo” Bauman (2008) faz uma análise sobre a contemporaneidade a partir da concepção de uma sociedade de consumidores, que ocorre nas relações entre os consumidores e os objetos de consumo, tendo como ideia central de que esta sociedade acaba transformando as pessoas em mercadorias.

Para Bauman, a transformação da “sociedade de produtores” em “sociedade de

consumidores”, “representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas” (2008, p. 71).

Portanto, essa cultura consumista pode ser vista como uma das principais transformações da sociedade atual, segundo a teoria da modernidade líquida de Bauman. Tal cultura, na sociedade atual, evoca que

[...] *todo mundo* precisa ser, deve ser e tem que ser consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar o consumo como vocação). Nessa sociedade, o consumo visto e tratado como vocação é *ao mesmo tempo* um direito e um dever humano universal que não conhece exceção. A esse respeito, a sociedade de consumidores não reconhece diferenças de idade ou gênero (embora de modo contrafactual) e não lhe faz concessões. Tampouco reconhece (de modo gritantemente contrafactual) distinções de classe. (grifos do autor) (BAUMAN, 2008, p. 73)

Além desse “dever ser” consumidor, Bauman (2008, p. 76) explica que o principal objetivo do consumo nessa sociedade, que pouco se fala e nem se debate, “não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: *eleva a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis*”.

Em outras palavras, isso significa que para fazer parte de tal sociedade, o indivíduo deve ir além de simplesmente consumir, deve consumir “o que está na moda” e mostrar isso. Deve descartar o que já não se usa mais e estar por dentro das “novas tendências”, isso o torna a mercadoria dessa sociedade. Nesse aspecto, Bauman (2008, p. 76) salienta que “[...] é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autêntico dessa sociedade”. E ele continua:

Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que em geral latente e quase nunca consciente. É por seu poder de aumentar o preço de mercado do consumidor que se costuma avaliar a atratividade dos bens de consumo – os atuais ou potenciais desejos dos consumidores que se desencadeiam as ações de consumo.

Hoje, as tendências são ditadas por meio das redes sociais. A informação e a facilidade em consumir é tanta que as pessoas vivem sim alienadas. Tudo é “postado” nas redes. Assim os indivíduos são mercadorias, de acordo com a teoria de Bauman.

Em relação à outra característica da teoria da modernidade líquida de Bauman,

aqui proposta, ou seja, a substituição da ideia de coletividade e de solidariedade pelo individualismo, verifica-se uma desumanização e uma insensibilidade na sociedade atual.

Bauman e Donskis (2008, p. 13-14) dialogam em “Cegueira Moral” sobre a insensibilidade diante da dor e sofrimento do outro, da naturalização da violência, onde a tecnologia e o avanço das redes sociais têm levado a um desejo de conhecer a privacidade, o segredo das pessoas, a intimidade de suas vidas, numa total falta de sentido para tal comportamento. Tal obra mostra a necessidade da revisão de valores e da condição humana.

Um aspecto bastante interessante da teoria da modernidade líquida de Bauman, diante do individualismo que permeia a sociedade é a questão do medo. Nesse sentido, Bauman e Donskis (2008, p. 115) fazem uma crítica à exposição pública dos *reality shows* e outras formas de autoexposição em troca de atenção e fama. Os autores afirmam que por trás dessa exposição está o medo de desmoronar, o medo da desimportância, de estar distante do mundo da TV e da mídia, o que equivale a se tornar um ninguém.

Segundo Donskis, [...] a cultura do medo produz a política do medo”. Bauman afirma: “Parece que medo e modernidade são irmãos gêmeos, até *siameses*, de um tipo que nenhum cirurgião[...]poderia separar sem colocar em risco a sobrevivência deambos”. (BAUMAN, DONSKIS, 2008, p. 117)

Esse medo advém das incertezas da modernidade líquida. Na obra “Vida Líquida”, Bauman (2009, p. 8) fala sobre a vida em um mundo líquido, afirmando que “a vida líquida e a modernidade líquida estão intimamente ligadas”. Ele diz:

[...] a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar um caminho sem volta. A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes. Entre as artes da vida líquido moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las.

Nesse contexto, a teoria da modernidade líquida de Bauman chama atenção para a liquefação das formas sociais, que incluem também o trabalho, a família, o engajamento político, o amor, a amizade e, por fim, a própria identidade. Tal situação produz angústia,

ansiedade constante e o medo (líquido): temor do desemprego, da violência, do terrorismo, de ficar para trás, de não se encaixar nesse novo mundo, que muda num ritmo extremamente veloz.

2 Byung-Chul Han e a sociedade do cansaço

A teoria do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han busca entender o capitalismo contemporâneo para relacioná-lo com os problemas enfrentados na sociedade no século XXI.

A principal teoria de Han em relação às transformações da sociedade atual é apresentada em sua obra “Sociedade do Cansaço”, onde faz uma análise acerca dos males que acometem a humanidade. Em tal obra, já no início ele argumenta que cada época possui epidemias próprias, como as doenças bacteriológicas e virais que marcaram o século XX. Para ele, as patologias neurais definem o século XXI, e todas elas surgem a partir de um denominador comum: o excesso de positividade. (HAN, 2015, p. 7-8)

Han (2015, p. 23) aponta que a sociedade do século XXI é uma sociedade de desempenho e não mais uma sociedade disciplinar, como era no século passado, onde os seus sujeitos, antes conhecidos como “sujeitos de obediência”, agora são os “sujeitos de desempenho e produção”.

Além disso, Han (2015, p. 24) explica que a antiga sociedade disciplinar era uma sociedade da negatividade, oposta à sociedade do desempenho (a atual), que “vai se desvinculando cada vez mais da negatividade”, apresentando, com isso, um excesso de positividade. E assim ele explica:

A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o *inconsciente social*, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito de obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em

relação à elevação de produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade. (HAN, 2015, p. 25-26)

Interessante aqui fazer um parêntese para mencionar a visão de Han sobre o poder. Para ele, ainda existe um “caos teórico” quando o assunto é o conceito de poder, já que apesar de óbvio é ao mesmo tempo obscuro. O poder pode significar opressão ou pode ser visto como um elemento da comunicação, isso vai depender do ponto de vista de cada um, podendo estar ligado à liberdade ou à coerção, à ação comum ou à luta, à violência ou não, à lei ou à arbitrariedade. (HAN, 2016, p. 9)

Portanto, segundo Han (2016, p. 17), o poder que se dá por meio de ordens e o poder que se baseia na liberdade e na obediência não são modelos opostos, apenas são distintos em sua manifestação. Ao elevá-los a um nível abstrato, acaba por revelar uma estrutura que lhes resulta comum.

Voltando então à atual sociedade do desempenho, imbuída esta, também, de poder, Han aponta que tal sociedade é marcada pela exaustão, onde o já referido excesso de positividade e produtividade podem ser a sua causa. Han (2015, p. 31) diz que:

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também acrescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção. A técnica temporal e de atenção multitasking (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem.

Verifica-se, então, que a teoria da sociedade do cansaço mostra a necessidade de que as pessoas estejam sempre ativas, buscando modos de agir, de empreender, descansando cada vez menos e ficando cada vez mais fissuradas pela busca do sucesso.

Tal ritmo estressante e a busca implacável pelo empreendimento faz com que as pessoas adoçam pelo esgotamento psíquico, levando à depressão, também conhecida como “mal do século”, e à Síndrome de Burnout, a qual “não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida”, como argumenta Han (2015, p. 27). Para ele, “O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a *pressão de desempenho*”.

A teoria da sociedade do cansaço sintetiza, então, que “A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma” (HAN, 2015, p. 29).

Diante disso, desse modo de vida acelerado e disperso, onde há uma mudança de foco frequente, com quase nenhuma tolerância ao tédio profundo, o processo criativo acaba se anulando. Para criar é preciso parar e contemplar. Por isso, Han (2015, p. 46-47) fala que:

Também o aceleração de hoje tem muito a ver com a carência do ser. A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre. Elas geram novas coerções. A dialética de senhor e escravo está, não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho. Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos.

Portanto, é preciso pausa, é preciso tempo para contemplar a vida e o seu entorno. No entanto, parar para contemplar o mundo perdeu o sentido, diante da vida extremamente ativa que se tem hoje. Precisa-se muito mais do que uma vida ativa, é necessária uma vida contemplativa. (HAN, 2015, p. 51-52)

Em virtude dessa falta de contemplação, Han (2015, p. 69) diz que “A sociedade do cansaço, enquanto uma sociedade ativa, desdobra-se lentamente numa sociedade do *doping*. [...] O *doping* possibilita de certo modo um desempenho sem desempenho”. Ele volta a repetir que:

[...] a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade. (HAN, 2015, p. 70)

Nesse aspecto, Han (2015, p. 71) afirma que “O excesso de elevação do desempenho leva a um infarto da alma”. Logo, “O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando”, o que leva às comorbidades psíquicas, que acabaram se tornando “comuns” no mundo atual.

Além disso, para Han (2013, p. 29) a sociedade atual é uma sociedade exposta, onde cada indivíduo é seu próprio objeto de publicidade. Para ele, há um excesso de

exposição que transforma o indivíduo em mercadoria (assim como já pensava Bauman). Segundo o autor, a sociedade exposta é uma sociedade pornográfica, onde tudo está de fora, descoberto, despojado, enfim, exposto.

A teoria relacionada às transformações da sociedade, de Han, aponta, então, para um mundo onde os homens estão cansados “para”: para ver o outro, para se importar com o outro, para pensar com e no outro, para pensar que depende, também, da relação com o outro.

3 Hartmut Rosa: Alienação e Aceleração Social

Hartmut Rosa nasceu em Lörrach em 1965 na Alemanha e se tornou um célebre filósofo, sociólogo, professor de sociologia geral e teórica da Universidade Friedrich Schiller de Jena (Friedrich-Schiller-Universität Jena) e diretor da Faculdade Marx-Weber Kollegs em Erfurt na Alemanha, além de ser colaborador em tantas outras instituições onde vem elaborando a sua teoria crítica dos processos contemporâneos de alienação e aceleração social. (ROSA, 2018)

No ano de 2017, Rosa publicou pela primeira vez, em espanhol, seu livro *Alienación y aceleración. Hacia una teoría crítica de la temporalidad en la Modernidad tardía*, obra cujo tema será objeto de reflexão no presente artigo e que abriu os caminhos para outros livros já publicados pelo autor, onde ampliou sua teoria da aceleração social na busca de uma resposta à retórica questão do que é uma vida boa e o que estaria nos impedindo de alcançá-la, se a cada dia, nos esforçamos velozmente para conquistar o tão sonhado progresso pessoal e financeiro.

Como o próprio autor destaca na introdução do seu livro, trata-se de uma obra sobre a vida moderna e que busca trazer ao leitor uma reflexão acerca da estrutura e da qualidade das nossas vidas, frente aos problemas temporais, uma vez que os indivíduos estão atrelados por regras e sanções éticas que o transformam, apesar da aparente liberdade, num prisioneiro de um regime temporal, muitas vezes invisível e que Hartmut chama de lógica da aceleração social. (ROSA, 2016, p. 10)

Martín (2016, p. 45-54) explica sobre a teoria do autor abordada na obra *Alienación y aceleración* que: "Una de las principales críticas de Rosa a la sociedad acelerada parte de la constatación de que vivimos en un mundo de deberes que ya no son

religiosos, sino temporales. Nuestras vidas están sujetas a horarios y normas impuestas que no son cuestionadas, están despolitizadas", e conclui ao fazer referência à tecnologia como um fenômeno que contribuiu para a escassez temporal:

La tecnología no nos ayuda a resolver el problema del tiempo, más bien al contrario, cuanto más tiempo ganamos gracias a ella, paradójicamente, menos tiempo tenemos. El hombre de manera cotidiana repite con frecuencia no tener tiempo para nada. (MARTÍN, 2016, p. 66).

Rosa ((2016, p. 11) acrescenta que o principal objetivo dos seus estudos é restabelecer a teoria crítica desenvolvida por Marx e a escola moderna de Frankfurt, em relação ao conceito de alienação, fazendo destaque à sua linha de pensamento de que na forma atual "totalitária" a aceleração social tem se transformado em uma alienação social grave, cujo comportamento é o principal entrave para se alcançar a tão almejada "boa vida" na sociedade tardia.

Por conseguinte, o referido autor ainda diz que:

O fato de termos alcançado um nível de transmissão de informação em *tempo real* produziu um violento impacto aceleratório em quase todos os campos da vida econômica e cotidiana, e deu a impressão, com isso, de que somos testemunhas de uma nova e qualitativa revolução da velocidade, cujo corolário não pode mais ser simbolizado pelo sôfrego "girar trepidante das engrenagens", mas, antes pela *World Wide Web* e por palavras-chave como "gratificação instantânea" e "entrega instantânea". (ROSA, 2019, p. 430)

A escassez de tempo na sociedade moderna transformou-se num grande problema de ordem social, as pessoas estão cada vez mais envolvidas em seus projetos individuais e na busca incessante por uma vida afortunada, que já não lhes sobra tempo para apreciar as suas conquistas.

Rosa (2018), então, relata a sua própria experiência sobre a escassez de tempo, que o fez refletir sobre ser este um dos problemas da sociedade moderna:

Así, me estaba mirando a mí mismo y pensaba: ¿por qué constantemente me quedo sin tiempo? La "escasez de tiempo" era una experiencia que me presionaba, y al principio pensé: bueno, solo soy malo para gestionar el tiempo. Entonces, me di cuenta de que otras personas, y ciertamente no solo en la academia, tenían el mismo problema. Miré los "estudios sobre el tiempo": la escasez de este es un

problema notorio y agravante en las sociedades modernas.

O autor aponta três formas de aceleração em seu livro: a primeira delas e mais óbvia, como o próprio autor afirma, é a *aceleração tecnológica*, que aponta um aumento progressivo e veloz dos processos de comunicação e produção e que vem transformando significativamente a percepção humana de espaço e tempo, cujos efeitos podem ser devastadores já que a história e a identidade das coisas vão sendo perdidas no tempo, dada a rapidez com que os fatos acontecem. (ROSA, 2016, p. 22)

A outra forma de aceleração apontada pelo autor, diz respeito à *aceleração da mudança social*, fenômeno classificado por Rosa como "aceleraciones de la sociedad misma", isto porque, os valores, as atitudes das pessoas e até mesmo a moda e o estilo de vida estão mudando numa velocidade cada vez maior, aumentando, conseqüentemente, o ritmo das transformações culturais, políticas e religiosas. (ROSA, 2016, p. 26)

E por último, cita como terceiro fenômeno da aceleração social a *aceleração do ritmo de vida*, o qual compreende a percepção da sociedade moderna em relação à escassez temporal. Acerca deste efeito, Rosa (2016, p. 30) acrescenta que: "Da la impresión de que se concibe el tiempo como una materia prima que se consume como el petróleo y que, por lo tanto, se vuelve cada vez más escasa y de mayor precio".

O autor faz uma ressalva, todavia, que seria estúpido pensar que tudo na sociedade moderna está acelerado, alertando que:

[...] alguns processos corporais, por exemplo: se você pega um resfriado, não importa quantos comprimidos você tome, terá de aguardar por volta de 7 dias para ter a saúde restabelecida. Uma gravidez sempre levará 9 meses, e um dia sempre terá 24 horas - não há muito o que fazer em relação a isso. (TZIMINADIS, 2017, p. 372)

O mundo vive um momento de aceleração para dinamizar seu crescimento e inovação, e isto é absolutamente normal e compreensível, porém, existem culturas e tradições populares que tendem a desaparecer em razão da incapacidade de acelerar e isto resulta num desequilíbrio social e dinâmico. (TZIMINADIS, 2017, p. 372)

A ideia de Hartmut Rosa é que o indivíduo encontre o equilíbrio entre ter uma vida acelerada não alienada, pois apesar de todo aparato tecnológico a seu favor, o indivíduo parece correr na contramão, tornando a vida social cada vez mais vazia,

conforme destacou Rosa em entrevista concedida quando esteve em São Paulo em fevereiro de 2017: "[...] a despeito de toda a tecnologia desenvolvida para nos auxiliar na economia de tempo, quanto mais rápidas são essas tecnologias, quanto mais tempo conseguimos economizar, de menos tempo parecemos dispor" (TZIMINADIS, 2017, p. 367).

A globalização e a busca pelo crescente desenvolvimento econômico fazem parte das características da vida moderna, o que o autor destaca como algo absolutamente compreensível e normal, a questão levada à discussão é a falta de estrutura na disciplina temporal das pessoas.

O processo de aceleração social está diretamente ligado à modernidade e está também relacionado a ideia de facilidade, ou falsa facilidade, uma vez que em razão do frenético cotidiano, o indivíduo encontra maneiras de administrar a escassez temporal através de atividades rotineiras que Rosa chama de "fenômenos sociais de aceleração" que o levam a um círculo aceleratório vicioso e invisível, citando como exemplo a crescente busca por comidas *express*, computadores cada vez mais interativos, novos dispositivos de celulares que interagem em apenas um comando de voz e que tem ocupado boa parte do nosso tempo de descanso, fazendo com que passemos a dormir cada vez menos. (ROSA, 2016, p. 20)

Rosa (2019, p. IX) indaga sobre a questão do tempo e do que efetivamente impede o indivíduo de levar uma vida boa apesar de todo o progresso tecnológico e bem-estar já alcançado, e ainda qual seria a razão das pessoas estarem cada vez mais se sentindo "como *hamsters* numa roda". Tais questões são levantadas pelo autor, para afirmar em forma de reflexão crítica que "como queremos viver é apenas uma outra expressão para a pergunta: como devemos dispor de nosso tempo?".

A aceleração da vida moderna levará inevitavelmente à alienação, uma vez que o indivíduo ficará cada vez mais restrito, deixando de interagir com as pessoas e com os lugares, tornando a vida mais silenciosa e fria (ROSA, 2014). Doravante, portanto, a busca será no sentido de tentar impedir que a inovação substitua completamente as memórias e a identidade das pessoas em relação as coisas, os lugares, a religião, a política, etc., pois o processo aceleratório leva a ruptura, não só da velha rotina das pessoas, mas também dos lugares e das heranças históricas.

Considerações finais

A busca desenfreada pelo desenvolvimento econômico, o poder, o sucesso e a realização pessoal individual, tem transformado o mundo mais individualista, acelerado e doente. Nesta linha, a presente pesquisa destacou as principais teorias acerca destas transformações, desenvolvidas por Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han e Hartmut Rosa, buscando trazer uma reflexão acerca das mudanças no comportamento humano num mundo globalizado.

Conforme se demonstrou no presente estudo, a percepção de tempo, num mundo cada vez mais veloz, com excesso de informações e dominado por sujeitos de desempenho é uma das principais narrativas das teorias desenvolvidas pelos três autores.

A análise do comportamento humano a partir de uma sociedade moderna desenvolvida e globalizada, traz conexão entre as três obras uma vez que, em todas elas, é possível identificar que uma das principais doenças da humanidade está ligada com a escassez de tempo que impede a contemplação das coisas importantes da vida.

Na obra de Han é possível ter uma visão clara a respeito do quão negativo pode ser viver numa sociedade de esgotamento, acometida de doenças originadas da inquietação dos indivíduos, acelerados pela ideia do imediatismo, do sucesso e da positividade. Doenças da modernidade como depressão, Síndrome de *Burnout*, déficit de atenção e hiperatividade são patologias próprias do mundo globalizado e competitivo em que vivemos, citadas na obra do autor.

Bauman, afirma que a sociedade moderna é desregulamentada, a ideia temporal se perdeu na velocidade das informações, não há planos à longo prazo, tudo é imediato, tendo se transformado numa sociedade líquida, influenciada pela oferta de consumo. Para o autor há um contínuo desaparecimento do potencial humano transformador.

Pode-se perceber ainda a relação da teoria da alienação e aceleração de Rosa com as teorias de Han e Bauman, através da análise da perspectiva temporal feita pelo autor, também sob o ponto de vista do comportamento humano, em constante aceleração, tendo como ponto de partida a autonomia individual na busca por uma vida plena cada vez mais distante em razão da escassez de tempo, afirmando o autor que esta aceleração, própria de uma sociedade capitalista, estaria se transformando numa nova forma de dominação totalitária.

Com base nos estudos realizados na presente pesquisa, foi possível concluir que a escassez de tempo provoca cada vez mais sintomas negativos nos indivíduos. Além das doenças da modernidade, percebe-se que as pessoas estão em busca de algo inatingível e que, ao que parece, a vida só se tornará estabilizada se for dinâmica. A busca pela estabilidade pessoal e financeira tem transformado os indivíduos, que ficam cada vez mais individualistas, doentes e compulsivos e cada vez mais distantes da tão sonhada vida boa.

Referências das fontes citadas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

HAN, Byung-Chul. **La sociedade de la transparencia**. Traducción de Raúl Gabás. Barcelona: Herder, 2013.

HAN, Byung-Chul. **La sociedade de la transparencia**. Traducción de Raúl Gabás. Barcelona: Herder, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Sobre el poder**. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARTÍN. Estefanía Dávila. Rápido a ninguna parte: consideraciones en torno a la aceleración del tiempo social. **Acta Sociológica**. NÚM. 69, Enero-Abril de 2016, pp. 51-75. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.acso.2016.02.003> Acesso em 27 março de 2020.

PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: Teoria e prática. 11 ed. Florianópolis: Conceito editorial/Millennium, 2008.

ROSA, Hartmut. (3016). **Alienación, aceleración, resonancia y buenavida**. Entrevista por A. Bialakowsky. Rev. Colomb. Soc, 41(3), 849-859. 2018. Disponível em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-159X2018000200249&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 março 2020.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: A transformação das estruturas temporais na modernidade. Trad. Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROSA, Hartmut. **Alienación y aceleración**: hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía. Traducido por el Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades (CEIICH), Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Katz Editores, 2016.

ROSA, Hartmut. **Modernizações ambivalentes**. Entrevista Especial publicada no dia 14/04/2014, por Ed Wanderley no **Diário de Pernambuco** (Página A3). Disponível em <http://www.ccba.org.br/modernizacoesambivalentes/?tag=hartmut-rosa>. Acesso em 27 março 2020.

TZIMINADIS, João Lucas Faco. **Modernidade dessincronizada**: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP). São Paulo, 2017. Disponível em

<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/10462/7140> . Acesso em 23 março 2020.